PROJETO DE INDICAÇÃO Nº 84/15

A sociedade baiana através dos seus mais variados segmentos organizados tem chamado a atenção por todos os meios de comunicação e midiáticos para a situação em que se encontra o Parque Metropolitano do Abaeté.

Tradicional espaço consagrado a manifestações afro-culturais e religiosas de Salvador, a lagoa do Abaeté, em especial, é conhecida por suas águas negras, cercadas por dunas de areia branca, que ocupam 225 ha e alcançam até 40 m de altura. Nas noites de luar, o local sempre reuniu centenas de visitantes, atraídos pelo espetáculo incomparável oferecido pela natureza. Durante o dia, o colorido era diferente: centenas de lavadeiras, acompanhadas de crianças, ocupavam as margens da lagoa, lavando seus imensos fardos de roupa. Esse espetáculo pouco comum, também cartão-postal do Abaeté, já incorporado à paisagem local, deveria ser, necessariamente, respeitado por qualquer proposta de urbanização da área.

Nas três últimas décadas, o entorno do Abaeté foi objeto de seguidas invasões, que resultaram no comprometimento de todo o meio ambiente, com a poluição das águas, destruição da vegetação natural, e até das dunas. A decisão de restaurar toda a região da lagoa, situada em Área de Proteção Ambiental, partiu do governo estadual, quando a Conder promoveu a liberação do local e criou uma envoltória protetora de aproximadamente 4.400 m, formada por vias públicas e equipamentos de recreação. Dessa forma, a área das dunas ficou liberada para recuperação de suas características naturais, principalmente da vegetação.

O núcleo central concentra os equipamentos turísticos e desenvolveu-se na área já degradada e descaracterizada, anteriormente utilizada como acesso à lagoa. Nele foi implantado além de um espaço central, ocupado em parte pelo generoso gramado sombreado pelas poucas árvores remanescentes, a Praça de Eventos - um grande saguão que leva ao parque, circundado por amplos passeios sombreados, onde se distribuem quiosques de venda de coco e acarajés -, em mosaico português branco, com arquibancadas escultóricas, degraus e bancos em granito. O espaço dessa praça é delimitado por parapeito de madeira e escadarias, que permitem a apreciação da paisagem e acesso à lagoa. Seguem-se outras atrações, como o Centro de Atividades, com lojas, restaurantes e lanchonetes, e a Casa de Música da Bahia, onde são desenvolvidas atividades afro-brasileiras ligadas à cultura.

O Parque Metropolitano do Abaeté caiu no ostracismo dos frequentadores pelo mau estado de conservação da estrutura de lazer. Quiosques abandonados, banheiros depredados, pedras portuguesas soltas, iluminação precária, "sensação de insegurança" e cavalos circulando entre os banhistas são apenas alguns dos problemas existentes.

Principal atrativo do Parque, a lagoa escura rodeada de areia branca, cantada em verso e prosa pelo poeta Dorival Caymmi nos anos 1940, está com três das quatro réguas de medição do nível da água à mostra, dando sinais de que está secando com o passar do tempo.

Em quatro anos de monitoramento, a SRH constatou que a lagoa atingiu o menor nível em dezembro de 2007, quando atingiu 17,5 metros, e o maior em agosto de 2005, quando subiu até a marca dos 20,04 metros. Esses anos foram também os de menores e maiores índices pluviométricos de Salvador, respectivamente, desde 2003. No trimestre abril, maio e junho de 2005, a média pluviométrica foi de 330,1 milímetros de chuva por mês e no mesmo período de 2007, esse número caiu para 154,2 milímetros. A média histórica mensal para esses três meses é de 299,26 milímetros.

Não bastasse a degradação ambiental e estrutural, a Área de Proteção Ambiental (APA) da Lagoa do Abaeté, composta por dunas e 18 lagoas no total, tem sofrido com a ocupação irregular promovida por famílias carentes na rua Brasília, em Nova Brasília de Itapuã.

O jornal ATARDE em matéria publicada sobre o Abandono do Parque destaca que o aspecto da insegurança: “Diretor esportivo do grupo ecológico Nativo de Itapuã (criado em 1988 pelo ambientalista Antônio Reis, assassinado aos 44 anos, em 9 de julho de 2007), o comerciante Antônio Miguel, de 58, trabalha na lagoa há 36 anos e diz que "nunca viu reforma no parque desde a fundação".

"É incrível como estamos perto do verão e nada foi feito até agora, como vem ocorrendo nesses últimos 20 anos", bradou o comerciante, que reclama da falta de movimento de frequentadores por causa do mau estado do parque e, "principalmente, por causa da falta de segurança".

Segundo afirmou, ele contou 28 assaltos aos frequentadores das dunas em um único dia, no ano passado. "Eu sei por que as vítimas vinham procurar socorro aqui na minha barraca, depois de serem assaltadas ali", apontou para uma duna chamada popularmente de "véu da noiva", que margeia a lagoa.

A sensação de abandono é visível para quem chega a um dos únicos parques de Área de Proteção Ambiental (APA) de Salvador. Calçadas de pedras portuguesas danificadas, escadas quebradas e sujeira na parte externa do centro comercial são comuns para quem se arrisca a passear pelo local. Entretanto, de todos os problemas enfrentados por comerciantes e visitantes, a falta de segurança ainda é o maior. São inúmeros os casos de assaltos nas proximidades da lagoa, fazendo com que as pessoas frequentem cada vez menos o local.

Enfim, deve-se salientar que a requalificação urbanística do Parque Metropolitano do Abaeté é inadiável. O Parque precisa de socorro. È preciso que o Abaeté volte a ter os encantos que o poeta Caymmi cantou:

“No Abaeté tem uma lagoa escura

Arrodeada de areia branca...

onde,

“...O luar prateia tudo

Coqueiral, areia e mar

A gente imagina quanta a lagoa linda é"

A CÂMARA MUNICIPAL DE SALVADOR

INDICA:

ao governador, que determine ao órgão competente promover a requalificação urbanística do Parque Metropolitano do Abaeté.

Sala das Sessões, 04 de março de 2015.

TOINHO CAROLINO